

# TABULEIRO DE LETRAS

## RESENHA

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, Edusc, 2012.

Publicado pela primeira vez na França em 1996 e traduzido para o português em 1999, *A noção de cultura nas ciências sociais* tem agora uma segunda edição brasileira (2012), afirmando-se como obra de significativo acolhimento em nosso meio, principalmente nos cursos relacionados à área das humanidades, sobretudo em razão da importância que o conceito de *cultura* adquiriu e continua adquirindo nesse campo de pesquisa.

Denys Cuche, sociólogo e antropólogo francês que trabalhou com Roger Bastide, começa definindo a cultura nos seguintes termos: "a noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos" (p. 09). Assim, para o autor, a cultura refere-se à capacidade de o homem adaptar-se ao seu meio, mas também adaptar esse meio ao próprio homem; em suma, "a cultura torna possível a transformação da natureza" (p. 10), tornando-se um instrumento contra as explicações *naturalizantes* dos comportamentos humanos. Desse modo, pode-se dizer que "nada é puramente natural no homem" (p. 11), já que mesmo as funções humanas ligadas às suas necessidades fisiológicas são informadas pela cultura.

Na busca por reconstituir a gênese da noção de cultura, o autor se reporta ao século XVIII francês, época em que a palavra *cultura* adquire seu sentido moderno, referindo-se, naquele contexto, tanto à "educação do espírito" quanto à "civilização". Já no século XIX, agora num contexto alemão, o termo designa tudo o que é autêntico e contribui para o enriquecimento intelectual e espiritual, inaugurando (com o pensamento de Herder e a ideia de cultura como resultado da *alma* e do *gênio de um povo*) o conceito relativista da cultura.

A partir de então, o conceito de cultura começa a se afirmar cada vez mais, com a contribuição de Edward Tylor (a cultura como "expressão da totalidade da vida social do homem", p. 35) e a dimensão coletiva da cultura, abordando os fatos culturais, pela primeira vez, sob uma ótica geral e sistemática; com a contribuição de Franz Boas, cuja obra é uma tentativa de pensar a *diferença*, que, para ele, é de ordem cultural e não racial (Boas substitui o conceito de *raça* pelo de *cultura*, que dava, de modo mais adequado, conta da diversidade humana); com a contribuição de Emile Durkheim, que vinculava a *cultura* à noção mais ampla de *social*, não sem adotar certo evolucionismo em suas posições, desenvolvendo a tese da *consciência coletiva*; e com a contribuição de Lucien Lévy-Bruhl, estudioso das culturas primitivas, colocando no centro de suas reflexões a ideia de *diferença cultural*.

Dessa fase em diante, o conceito de cultura conhece verdadeiro triunfo, seja com as teses de etnólogos americanos, discípulos de Boas – ressaltando a dimensão histórica dos fenômenos culturais (Kroeber, Wissler) e elaborando o conceito de *modelo cultural* (*cultural pattern*) –, seja pelas análises funcionalista de Malinowski – defendendo a observação direta das culturas em seu estado presente (perspectiva sincrônica), já que toda cultura constitui um todo coerente, que sofre mudança essencialmente por meio de contatos exteriores –, seja ainda por contribuições gerais, de Edward Sapir, Ruth Benedict, Margaret Mead, Ralph Linton, Abram Kardiner, entre outros. Especial destaque merece a contribuição da antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss, propondo a ideia de *invariabilidade da cultura*: "a antropologia estrutural assume como tarefa encontrar o que é necessário para toda a vida social, isto é, os elementos universais culturais, ou, em outras palavras, os *a priori* de toda a sociedade humana" (p. 98).

O autor aborda ainda as relações entre cultura e os conceitos de aculturação, de hierarquia e de identidade. Sobre o primeiro (aculturação), que se relaciona à ideia de *contatos culturais*, lembra que o conceito de *aculturação* designa um movimento de aproximação entre culturas (*ad-cultura*) e não um movimento de desculturação (*a-cultura*); desse modo, define o conceito como fenômenos que resultam do contato entre grupos de diferentes culturas, provocando mudanças nos modelos culturais de um ou dos dois grupos. Não se trata, assim, nem somente de *mudança cultural*, nem somente de *assimilação*, nem somente de *difusão cultural*, mas de um processo mais complexo e completo, tal como fora estudado por Herskovits, Linton, Redfield, Bastide e outros. Sobre o segundo (hierarquia), o autor lembra que a cultura é um produto histórico, reproduzindo, portanto, relações sociais que, em geral, se assentam numa situação de hierarquia, inclusive adquirindo *valores* sociais

diferentes, já que também vivem – como as sociedades – em estado de contato, tensões etc. Daí a ideia de que há culturas dominantes e dominadas (embora isso não queira dizer que, necessariamente, uma cultura seja superior a outra): "nesta perspectiva, uma cultura dominada não é necessariamente uma cultura alienada, totalmente independente. É uma cultura que, em sua evolução, não pode desconsiderar a cultura dominante (a recíproca também é verdadeira, ainda que em um grau menor), mas que pode resistir em maior ou menor escala à imposição cultural dominante" (p. 145). É, enfim, dessa hierarquização das culturas que nascem certos subtipos culturais, como a *cultura popular*, a *cultura de massa*, a *cultura operária*, a *cultura burguesa* etc. Sobre o terceiro (identidade), o autor afirma que embora os termos cultura e identidade tenham grande ligação, a primeira depende em grande parte de processos inconscientes, enquanto a segunda remete a *normas de vinculação* conscientes, motivo pelo qual a identidade só pode ser entendida num *contexto relacional*. Considerando, contudo, a estreita relação entre as concepções de cultura e de identidade, percebe-se que a noção de identidade também apresenta vieses distintos, podendo ser entendida como vinculação original de um indivíduo aos seus grupos (suas *raízes*), como resultado de um patrimônio genético (sua *raça*) ou como resultado de uma herança cultural (sua *cultura*). O que, na verdade, deve ser destacado em qualquer situação é a natureza *social* da identidade: "a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais" (p. 182).

O autor conclui ressaltando a *confusão conceitual* a que o uso indiscriminado do conceito de cultura pode levar, lembrando que casos recentes do emprego do termo acabaram gerando noções específicas a ele relacionadas, como as de cultura política, cultura de empresa, cultura de imigrantes etc.

Embora não haja aprofundamento em nenhum dos aspectos do livro, Denys Cuche apresenta-nos um complexo e rico painel de teorias, conceitos, ideias e caminhos percorridos pela noção de cultura que, como dissemos no início, é cada vez mais empregada pelas várias áreas do saber humano.

Recebido em: 07 de maio de 2015.

Aceito em: 30 de junho de 2015.